

SOBRE AULAS E ROLÊS: A CULTURA DO SKATE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MS. LUMIAR BAKKER

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Professora de Educação Física da Rede Municipal de

Ensino do Rio de Janeiro – SME/RJ

Membro do Grupo Corpo, estética e formação – FE/UFRJ

DRA. MICHELLE CARREIRÃO GONÇALVES

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Coordenadora do Grupo Corpo, estética e formação – FE/UFRJ

Resumo | O presente artigo relata uma experiência de tematização do skate em aulas de Educação Física (EF) em uma escola de turno único da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro que atende turmas do Ensino Fundamental II. A partir do interesse das/os jovens em relação à prática, vem se desenvolvendo, desde 2021, projetos pedagógicos que têm o skate como protagonista, contando com parcerias de skatistas experientes e colegas docentes de outras disciplinas. Extrapolando o tempo/espaço da disciplina EF, essa prática corporal tem se tornado parte da cultura da unidade escolar em questão, valorizando interesses das/os jovens estudantes, além de conectar saberes acadêmicos (da escola) e não-acadêmicos (da rua).

Palavras-chave | Skate; Culturas jovens; Interdisciplinaridade.

ABOUT CLASSES AND TOURS: THE CULTURE OF SKATEBOARDING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Abstract | This article reports an experience of thematization of skateboarding in Physical Education classes in a single-shift school of the municipal education network of Rio de Janeiro that serves Elementary School II classes. Based on the interest of teenagers in relation to the practice, pedagogical projects have been developed since 2021 that have skateboarding as the protagonist, counting on partnerships with experienced skaters and fellow teachers from other disciplines. Extrapolating the time/space of the PE

discipline, this body practice has become part of the culture of the school unit in question, valuing the interests of young students, in addition to connecting academic (from school) and non-academic (street) knowledge.

Keywords | Skate; Young cultures; Interdisciplinarity.

SOBRE CLASES Y PASEOS: LA CULTURA DEL SKATE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Resumen | Este artículo relata una experiencia de tematización del skate en las clases de Educación Física en una escuela de turno único de la red municipal de educación de Río de Janeiro que atiende clases de la Escuela Primaria II. A partir del interés de los jóvenes en relación a la práctica, desde 2021 se han desarrollado proyectos pedagógicos que tienen como protagonista al skateboarding, con colaboraciones de skaters experimentados y compañeros profesores de otras disciplinas. Extrapolando el tiempo/espacio de la disciplina de EF, esta práctica corporal se ha convertido en parte de la cultura de la unidad escolar en cuestión, valorando los intereses de los jóvenes estudiantes, además de conectar el conocimiento académico (de la escuela) y el no académico (de la calle).

Keywords | Skate; Culturas juveniles; Interdisciplinaridad.

INICIANDO UMA *TRICK*¹ PEDAGÓGICA

Dentre os muitos problemas enfrentados cotidianamente por professoras/es de Educação Física escolar, a falta de interesse e participação do corpo discente, especialmente dos jovens, nas aulas, é uma constante. Parte dessa problemática se conforma na pouca comunicação entre os interesses e saberes da cultura corporal jovem e das práticas tradicionalmente privilegiadas dentro da escola.

Segundo Paulo Carrano (2003), a instituição escolar costuma não reconhecer as/os jovens como produtores de conhecimento e sujeitos de ação. Porém, a juventude, enquanto categoria social, produz cultura que emerge como expressão coletiva de um grupo etário que busca ressignificar modos de ser, estar e atuar no mundo, a partir de seus interesses

1. Manobra.

e inquietações. É por meio de suas práticas, linguagens e manifestações artísticas que jovens criam e reinventam espaços de sociabilidade e resistência.

A escola não fica alheia a essas questões que “precisam ser enfrentadas para que o jovem torne-se o sujeito no processo educacional e sinta-se como parte importante nesse contexto” (Martins; Carrano, 2011, p. 51). Por esse motivo, entendemos que a instituição de ensino deve abraçar os temas da juventude e considerar o conjunto de vínculos que moldam suas escolhas, recusas, gostos culturais, condutas éticas e ideológicas para formar sua consciência social (Sousa; Durand, 2002).

Tendo estes pontos em conta, pensar, organizar, sistematizar e apresentar temas diversos e inovadores nas aulas de EF tem sido uma pauta perseguida por uma das autoras, professora da educação básica, que vem experimentando trabalhar com práticas corporais menos tradicionais no contexto da EF escolar. Atuando numa escola de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro (que será melhor apresentada na sequência), vem elaborando projetos de yoga, meditação e skate. Este último é o objeto do presente relato, tendo em vista sua atual popularidade (ao se tornar modalidade olímpica), mas especialmente, seu lugar dentro da escola em questão.

Vale dizer que o skate surge em minha² prática pedagógica no contexto do período presencial pandêmico, em 2021, quando, diante da impossibilidade de compartilhar materiais e necessidade de distanciamento, desenvolvi com minhas turmas debates a respeito das Olimpíadas, especialmente sobre as medalhas conquistadas por brasileiras/os, sobretudo as atletas da ginástica artística e do skate. A partir desse diálogo, as/os alunas/os demonstraram maior interesse e curiosidade pelo skate, fazendo perguntas, me dando desenhos envolvendo o skate, pedindo para que eu desse aulas sobre o tema.

2. Optamos por mesclar narrativas em primeira pessoa do singular e do plural, demarcando os distintos momentos de autoria do trabalho pedagógico (sob responsabilidade da primeira autora) e da escritura do manuscrito (sob responsabilidade das duas autoras).

É importante destacar que andar de skate faz parte da minha vida pessoal, uma prática que comecei a desenvolver depois de adulta, no período de pandemia, e sobre a qual há postagens em minha rede social de perfil público (aberto) que as/os alunas/os têm acesso. Diante disso, começaram a surgir perguntas e aumentou o interesse pelo tema, então decidi planejar e desenvolver projetos com o skate, debatendo questões pertinentes à formação crítica dessas/es estudantes, como a esportivização, o investimento em esporte no Brasil, áreas de lazer e direito à cidade, políticas públicas envolvendo o esporte (ou a falta delas), gênero, organização coletiva, comunicação e até sobre autoconfiança e educação emocional, a partir de reportagens, documentários, filmes e fotografias.

Para realizar essa tarefa contei com a parceria de skatistas que entendem o skate e sua cultura como potencializadores de transformação e inclusão social, somando-se ao prazer de andar sobre as quatro rodinhas. Sem esse auxílio seria difícil alcançar as vivências realizadas na escola até aqui, uma vez que são muitos estudantes para apenas um skate (o meu), e também por precisarmos de uma atenção maior quando se trata de um equipamento que pode causar acidentes. Contei ainda com a parceria das equipes gestoras da unidade escolar que se sucederam desde 2021, e que acolheram a proposta, e de colegas professoras/es que viram um grande potencial no tema, participaram de oficinas, receberam os skatistas e movimentaram nossos eventos escolares.

Nas páginas a seguir apresentamos um breve relato dessa experiência, indicando os caminhos e projetos executados, chegando à organização de uma unidade didática na disciplina de EF. Mas, para iniciar, é preciso contextualizar que escola é essa onde o skate tem ganhado cada vez mais protagonismo e visibilidade.

UMA ESCOLA SKATÁVEL

Um espaço *skatável* é aquele que possibilita a prática do skate, favorável à realização de manobras. Aqui apresentamos as características

dessa escola, a E.M. Ceará³, que recebe o skate para atividades pedagógicas, sendo *skatável* não somente em sua arquitetura, mas também em sua receptividade para as atividades com o carrinho.

Trata-se, como anteriormente dito, de uma escola municipal da capital fluminense, localizada na Zona Norte da cidade, de turno único⁴, tendo o dia letivo a duração de sete horas corridas, iniciando às 7h30 e encerrando às 14h30. Atende o segundo segmento do Ensino Fundamental, em 2024 possui um total de 17 turmas assim divididas: duas de 6º ano, cinco de 7º, seis de 8º e quatro de 9º. O corpo discente é composto por moradores do bairro e adjacências, em sua maioria, jovens oriundas/os das comunidades do Complexo do Alemão. Por ser uma escola de turno único, além das atividades de sala de aula corriqueiras (disciplinas escolares), as/os alunas/os fazem 3 refeições na instituição (café da manhã, lanche e almoço) e realizam atividades do chamado currículo diversificado.

O currículo nesse modelo é diferente daquele mais tradicional, com 3 tempos de EF (ao invés de 2), e outras atividades, como estudo orientado⁵ e projetos integradores⁶. Todas/os professoras/es possuem alguma disciplina diversificada⁷ em seu quadro de horário, o que favorece o diálogo interdisciplinar. E apesar da precarização e da falta de investimento adequado à manutenção do espaço, a escola possui uma infraestrutura destacável, como: quadra coberta com arquibancada e vestiários, pátio

3. A identificação da instituição foi devidamente aprovada sob Parecer nº 6.747.200 do CEP/UFRJ.

4. Escolas de turno único compõem parte das unidades educativas da SME/RJ, atendendo, atualmente, 35,19% de estudantes. A meta, no entanto, é que 100% das instituições passem a esse modelo até 2031, segundo a lei 7.453/2022 (Agora, 2022).

5. Disciplina que visa autonomia do aluno em seu processo de estudo e se organização para as provas.

6. Disciplinas que possuem 2 tempos na carga horária curricular e têm por objetivo realizar projetos interdisciplinares, integrando conhecimento de 2 disciplinas ou mais. Um exemplo é o que ocorre entre EF e Matemática, explicitado mais ao final do texto.

7. Disciplinas diversificadas são aquelas diferentes do currículo tradicional, sendo elas: Estudo Orientado, Projeto Integrador, Projeto de vida e Eletiva.

interno, pátio externo, refeitório, laboratório (laboratório que reúne distintas disciplinas), sala de leitura e auditório.

Para além do formato diversificado do currículo, outro ponto distintivo da Ceará é seu corpo docente, composto por professoras/es efetivas/os com carga horária de trabalho de 40h semanais na unidade, permitindo com que haja reuniões semanais para planejamento, avaliação e estabelecimento de parcerias. Neste contexto, projetos são desenvolvidos entre diferentes áreas do conhecimento, fomentando diálogos. Quando um projeto é executado, é visto como da escola, contando com o apoio das/os colegas e incentivo da gestão, configurando uma cultura desta unidade escolar.

A EF está a cargo de apenas dois professores, somos uma dupla e nos ajudamos em nossos projetos individuais e coletivos. Juntos criamos um currículo que abarca diferentes práticas corporais, para que nossos trabalhos sejam complementares na formação das/os discentes. Sendo assim, realizamos conjuntamente o projeto de jogos interclasses, que promove disputas esportivas e lúdicas entre as turmas, o projeto com *e-sports*, organizado por ele, e o projeto com skate, sob minha responsabilidade.

É importante ressaltar que os projetos mencionados possuem culminâncias que alteram a rotina da escola, geralmente com eventos protagonizados pelas/os alunas/os. Além dos projetos de EF, existem ainda os de outras disciplinas, como: feira de ciências, experiências museais, roda de jongo, cafés literários, semana da matemática, para ficar em alguns exemplos.

O projeto com o skate no currículo de EF vem se modificando desde 2021. No início ocorria com todas as turmas, mesmo com aquelas em que não sou a professora regente. Já a partir de 2023, se desenvolveu apenas nas turmas em que dou aulas, porém, em algumas ocasiões envolvi também as turmas do outro professor, notadamente em momentos em que dividimos o espaço da quadra, apesar das dificuldades com material.

Destaca-se ainda que no começo o projeto acontecia de forma mais intuitiva, apenas com o desejo de apresentar uma nova prática corporal para as/os estudantes, uma nova possibilidade, fugindo daquilo que é

comum nas aulas de EF, algo que foi se especializando ao longo dos anos e se tornando uma unidade didática estruturada. Por estar atenta àquilo que interessa às/aos alunas/os em sua cultura jovem, usando tais temáticas para estabelecer diálogos educacionais, podemos dizer que esta escola se torna – a cada ano que passa – um *pico*⁸ cada vez mais *skatável*, recebendo pessoas que constroem a cena do skate carioca para diversas atividades pedagógicas. É sobre essas experiências que trataremos a seguir.

DELINEANDO LINHAS⁹ DE CONHECIMENTOS

Devidamente apresentado o contexto onde ocorre a experiência, relatamos a seguir as distintas fases do projeto, de 2021 até 2024. Resaltamos que trazer esta prática para as aulas de EF não está descolado do que é indicado no currículo da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, que é normatizado pela Base Nacional Comum Curricular (2017), documento nacional que inclui o skate como componente curricular da EF para os anos finais do Ensino Fundamental, no contexto das chamadas práticas de aventura em áreas urbanas. Mesmo tendo em conta as críticas à BNCC, não se pode desconsiderar as indicações curriculares dos sistemas educacionais – nesse caso, a SME/RJ e o Currículo Carioca –, porém, entendendo que o currículo é vivo e que a ação docente se pauta em autoria e não em mera reprodução. Assim, as atividades planejadas e executadas só fazem sentido quando se articulam currículo, objetivos, culturas e práticas escolares.

Como já assinalado, a experiência inaugural se deu no ano de 2021, impulsionada por Tóquio 2020/2021 e pela presença da skatista Rayssa Leal, atleta de 13 anos (idade próxima das/os estudantes em questão) que se tornou medalhista de prata na modalidade *street*. A partir disso e dos interesses das/os alunas/os, algumas discussões sobre skate começaram a se organizar com as turmas de 7º e 9º anos. No primeiro caso,

8. Pico, na linguagem do skate, significa lugar.

9. São chamadas linhas, os percursos feitos por skatistas durante suas sessions nas pistas, bowls, rampas ou rua.

abordamos sua história e contexto de criação, bem como sua prática nas ruas da cidade até sua esportivização que levou aos Jogos Olímpicos. No segundo, trabalhamos o conceito de lazer e os locais destinados a ele na capital fluminense, assim como os legados da Rio 2016, mapeando as pistas de skate na cidade e refletindo sobre como skatistas ressignificam a arquitetura urbana. Este trabalho aconteceu interdisciplinarmente com a professora de Geografia que tematizava questões sobre reurbanização e remoções domiciliares (algo marcante na preparação dos JJOO no Brasil) e culminou numa ida ao Parque Madureira¹⁰, onde visitamos os distintos espaços de lazer, incluindo as pistas de skate.

No mês de outubro daquele ano, retornamos ao ensino presencial de maneira integral¹¹ na Ceará, e organizamos um evento com apoio da direção que chamamos de “Circuito de Cultura Urbana”. Elaboramos um grande mural com informações a respeito do esporte, convidei atletas que são promessas futuras, um fotógrafo e um projeto social de skate atuante na comunidade do Complexo do Alemão, local onde reside a maioria de nossas/os estudantes. Skatistas parceiros demonstraram manobras e dialogaram sobre suas experiências com o skate, além de falar um pouco sobre seus trabalhos e objetivos envolvendo a prática que ultrapassa o lazer, possibilitando debater sobre a relação entre diversão e profissão. Já a exposição fotográfica despertou muitas curiosidades sobre a ressignificação dos espaços urbanos, na medida em que as fotos mostravam manobras em diversos cenários, com destaque para a competição chamada “pula valão”, em que se pôde ver skatistas “voando” sobre um canal de esgoto.

A princípio, não objetivamos fazer com que as/os alunas/os andassem de skate, tanto por não haver material, quanto pela nossa preo-

10. Localizado na Zona Norte da cidade e construído em 2012, a partir da remoção de um conjunto de famílias que compunham a Favela das Torres, foi rebatizado em 2021 para Parque Madureira Mestre Monarco, em homenagem ao cantor e compositor da Portela (uma das escolas de samba localizadas no bairro de Madureira, assim como Império Serrano), sendo o terceiro maior parque da cidade, se tornando um importante espaço de lazer na região.

11. Até então, por conta das recomendações sanitárias, a escola funcionava com esquema de rodízio de turmas por dia, recebendo parcialmente as/os jovens.

cupação com a segurança, mas a presença do projeto social (que levou os equipamentos) e dos skatistas (que fizeram o auxílio) possibilitou tal vivência. A partir de uma movimentação espontânea entre alunas/os e skatistas que compartilharam seus skates, organizou-se uma fila para experimentações. Enquanto isso, o professor de História da Ceará, que também é grafiteiro, foi criando um mural em um dos muros da quadra com alguns dos desenhos de skate produzidos pelas/os alunas/os.

Considerando o grande sucesso do skate em 2021, no ano seguinte ele passa a ser inserido no currículo da disciplina de EF, sendo trabalhado no 3º bimestre, utilizando o mesmo material didático produzido no ano anterior. As aulas aconteceram com as turmas de 7º e 8º anos, consistindo, em sua maioria, por atividades teóricas devido à escassez de material, ficando as práticas restritas a brincadeiras envolvendo equilíbrio. Além disso, fizemos algumas experiências com fotografias e recebemos a visita de outro fotógrafo profissional para dar uma palestra sobre a cultura do skate, apresentando fotos, vídeos e respondendo perguntas das/os jovens sobre seu trabalho, proposta pensada a partir dos interesses e curiosidades das/os alunas/os. Nessa visita, o convidado realizou uma releitura de seu projeto fotográfico com skatistas do estado do RJ, com nossas/os estudantes, resultando num mural que intitulei “Retratos da Educação Pública Carioca” e que permaneceu exposto no pátio da escola até o final do ano letivo, e ao ser retirado, as/os estudantes foram presenteados com suas fotos.

Novamente tivemos o evento de culminância “Circuito de Cultura Urbana” realizado para todas as turmas, com demonstrações de manobras e experimentações com as/os jovens; cine-debate com o filme “Uma garota radical”, discutindo questões de gênero no skate; exposição de fotografias; além de oficinas de fanzine¹², grafite, lambe-lambe, *lettering* e RAP. Destaca-se que essas atividades ficaram sob responsabilidade

12. Fanzines (ou zines) são as revistas de fãs, publicações independentes que se constituem como uma forma de circulação de informações relacionadas ao skate com pequenos textos e imagens reproduzidos por copiadoras.

de distintos convidados da cena do skate (instrutores, praticantes, um árbitro da Confederação Brasileira de Skate, um fotógrafo e um MC) e docentes da Ceará. Ao final aconteceu um *rolê* de skate na quadra com demonstração de manobras e interação com as/os estudantes.

Em 2023 as intervenções ocorreram com turmas do 6º, 7º e 8º anos também durante o 3º bimestre, totalizando 8 encontros e 24 tempos de aula. Estes foram assim organizados: 2 teóricos; 2 práticos; 1 visita de convidado; 1 de problematização; 1 de desenvolvimento dos trabalhos e 1 de apresentação final (essa organização encontra-se ao final do texto, em forma de tabela, para melhor visualização). Na parte inicial da unidade didática verifiquei o conhecimento prévio das turmas sobre o skate, apresentei a história da prática no mundo e no Brasil, vimos os equipamentos e dialogamos sobre a importância do uso dos instrumentos de segurança para prevenir acidentes. Depois seguimos para alguns aspectos técnicos como subir no carrinho, base de equilíbrio, movimento de remada (impulso), batidas e algumas manobras simples, sempre utilizando *shapes* sem rodinhas. Estas experiências provocaram diálogos sobre facilidades e dificuldades na prática.

As visitas foram distintas, assim como as problematizações. Em uma turma recebemos dois instrutores que conversaram com as/os estudantes sobre skate e socialização e ensinaram algumas manobras e técnicas; em outra contamos com a presença de um jovem skatista que além de videomaker, é também doutor em Física, o que gerou debates sobre as relações entre andar de skate e estudar; por fim, tivemos a visita de um skatista profissional e documentarista que apresentou um de seus trabalhos à turma, sobre skate na África. A intenção com as visitas era dialogar com os praticantes sobre suas experiências cotidianas com o carrinho, a relação disso com suas profissões, além de compartilhar conhecimentos e demonstrar manobras.

Já as problematizações foram assim organizadas: com o 6º ano debatemos o lugar das meninas na cena do skate a partir do filme “Uma garota radical”, o que gerou um trabalho final sobre o tema; com o 7º tratamos da resignificação de áreas urbanas, reivindicação de espaços *skatáveis*,

mídia e consumo; e o 8º discutiu sobre espaços de lazer nas diferentes regiões da cidade e localização das pistas de skate, problematizando o lazer e o consumo. Desta vez o evento não ocorreu, mas os skatistas seguiram marcando presença nas atividades disciplinares de EF.

Por fim, no presente ano de 2024, com a transformação da escola em Ginásio Educacional Tecnológico (GET¹³), as atividades com skate seguiram dentro do modelo curricular já pré-estabelecido, com turmas de 6º, 7º e 8º anos, tendo sido acrescentado o tema do paraskate e sua ausência nos Jogos Paralímpicos, debatendo temas, como: deficiências, capacitismo, acessibilidade e autonomia para pessoas com deficiência (PCD's). Com o 6º e 7º anos, foram abordados os conteúdos introdutórios, realizando debates sobre a diferença entre o skate de rua e o skate esportivo, a importância do uso de equipamentos de segurança e locais da cidade para se andar de skate.

Como o 8º ano já havia tido esses conteúdos, trabalhamos a questão do *“do it yourself”* (“faça você mesmo”), presente na cultura da moda- lidade, entrelaçando os conceitos do skate com Matemática, criando as rampas no site *Tinkercad*¹⁴ e imprimindo os protótipos na impressora 3D. O intuito é que, posteriormente, a partir dos conhecimentos de razão e proporção, sejam construídas rampas em tamanho real em madeira para a escola. Esse trabalho interdisciplinar traz conceitos matemáticos, como figuras geométricas, e de EF, ao aprenderem a relação entre angulação das rampas e os movimentos corporais necessários para execução de manobras. Além disso, na disciplina de Círculo de Leitura, as/os estu-

13. Em junho de 2024, nossa escola se tornou um Ginásio Educacional Tecnológico (GET), um programa da Prefeitura do Rio de Janeiro que utiliza a tecnologia como recurso de aprendizagem. Não houve mudanças no formato curricular, mas a escola recebeu uma sala denominada colaboratório, com uma impressora 3D, sala com diversos recursos tecnológicos, incluindo robótica, máquina de costura e impressora de corte. A direção da unidade apontou que o nosso GET teria como foco o desenvolvimento de conhecimentos relacionados à matemática e o skate foi inserido nesse projeto.

14. Site, gratuito para criação de modelos 3D. O programa oferece uma variedade de formas geométricas básicas como cubos, esferas, cilindros, pirâmides que podem ser agrupadas, espelhadas, duplicadas, seccionadas. Os projetos são em formato compatível com a impressão 3D.

dantes estão desenvolvendo zines, reunindo os conhecimentos de Língua Portuguesa e a linguagem gráfica do skate.

PARA SEGUIR REMANDO

O presente relato, longe de encerrar a questão do ensino de skate para jovens do Ensino Fundamental II, teve por objetivo mostrar os caminhos de tematização de uma prática corporal pouco comum na escola, surgindo como reivindicação das/os alunas/os e se organizando como objeto de uma unidade didática dentro da disciplina de EF. Acredito que a aproximação daquilo que é de interesse das/os estudantes pode facilitar a transmissão de conhecimentos e o levantamento de questões importantes sobre a cultura corporal, entendida aqui como “o acervo de formas de representação do mundo (...) exteriorizadas pela expressão corporal” (Soares et al, 1992, p. 38).

Nesses anos tematizando a prática na E.M. Ceará, realizamos oficinas envolvendo os skatistas convidados e docentes da escola, vendo, discutindo e produzindo filmes, fotografias e zines, somado a sessões de demonstração de manobras de praticantes experientes seguidas de breves vivências práticas com as turmas presentes. Além disso, organizei uma unidade didática de ensino do skate para as turmas do Ensino Fundamental II com as quais atuo, material que apresentamos abaixo de maneira mais detalhada e sistematizada, na expectativa que outras/os docentes possam se inspirar e adotar o skate como tema de suas aulas.

Tabela 1 – Organização unidade didática Skate

UNIDADE DIDÁTICA SKATE		
ENCONTRO	TEMA	QUESTÕES NORTEADORAS
Encontro 1 (Aulas 1, 2, 3)	Introdução	Checar os conhecimentos prévios sobre skate; o que pensam ou lembram quando se fala de skate; o que gostariam de saber sobre skate
Encontro 2 (Aulas 4, 5, 6)	História do skate	Criação e desenvolvimento; chegada ao Brasil; marginalização da prática; cultura do skate
Encontro 3 (Aulas 7, 8, 9)	Anatomia do skate	Conhecer as peças (shape, truck, rodas); montar um skate; equipamentos de segurança
Encontro 4 (Aulas 10, 11, 12)	Exploração técnica	Descoberta da base; aprender a subir e descer do skate; batidas básicas
Encontro 5 (Aulas 13, 14, 15)	Visita convidado	Recepção de skatista convidado, procurando articular o andar de skate e a vida acadêmico-profissional
Encontro 6 (Aulas 16, 17, 18)	Problemática	Debates sobre temas que transversalizam a prática do skate, como: lazer, direito à cidade, gênero, capacitismo
Encontro 7 (Aulas 19, 20, 21)	Pesquisas	Desenvolvimento das pesquisas, conforme temas e roteiro indicados pela professora
Encontro 8 (Aulas 22, 23, 24)	Fechamento	Apresentação das pesquisas realizadas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

REFERÊNCIAS:

AGORA é lei: Até 2031, todas as escolas da rede municipal deverão oferecer turno único de 7 horas. **Câmara Municipal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.camara.rio/comunicacao/noticias/1180-agora-e-lei-ate-2031-todas-as-escolas-da-rede-municipal-deverao-oferecer-turno-unico-de-7-horas>. Acesso em: 24 out. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 7-22, 2011.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, v. 36, n. 01, p. 43-56, jan/abr 2011.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Perspectiva**, v. 20, p. 163–181, jul/dez 2002.

Recebido: 14 setembro 2024
Aprovado: 16 outubro 2024
Contato: lu_lcbg@hotmail.com